

A VELHA MULATA: DA UTOPIA A CONSTRUÇÃO DA BAIANIDADE

Fernanda Patricio Mariano¹
Aurélio Gonçalves Lacerda²

RESUMO: *Nesse texto/comunicação pretende-se tecer considerações sobre o conceito de baianidade e, para tanto, utilizam-se os pressupostos teóricos-críticos na busca de construções de operadores que permitam a análise das relações História/Cultura. Tal reflexão permite identificar os processos que influenciaram, do ponto de vista histórico e cultural, a construção e disseminação do que se tem denominado de imaginário da baianidade. A discussão é fomentada através do estudo de dois poemas extraídos do livro *A Poesia baiana do século XX*. Objetiva-se, primordialmente, estabelecer discussões sobre os múltiplos sentidos da baianidade em suas relações com acontecimentos sócio- históricos característicos da agenda cultura da Bahia, em sua singularidade.*

Palavras-chave: Bahia; Utopia; Estereótipo; Baianidade.

1. INTRODUÇÃO

O *corpus* de minha análise consiste no estudo de trechos de dois poemas de diferentes autores que propicia uma discussão sobre essas questões históricas, além de trazer um questionamento de como surgiu esse imaginário sobre a Bahia. Os poemas encontram-se no livro *A Poesia Baiana no século XX*³ e cada trecho permite a leitura correta de como é apresentado tal conceito. O estudo possibilita o reconhecimento desses traços e de que maneira é abordado no texto.

A idéia de *Baianidade* é construída utilizando-se de um repertório limitado e arbitrário de elementos estéticos e representativos da cultura baiana que são selecionados, reproduzidos, reimaginados com a finalidade de construir essa imagem. Na concepção de Risério⁴, existe um “*modus vivendi*” (ethos baiano) constituído endogenamente durante mais de quatrocentos anos de sincretismos religioso e mestiçagem afro-luso-tupi. A outra corrente, mais recente acredita que a idéia de baianidade não passa de um mito constitutivo, sendo construída de fora para dentro em oposição a outras regiões, por exemplo, Rio de Janeiro.

¹ Estudante do curso de Graduação da Universidade Federal da Bahia, sendo a habilitação de Letras Vernáculas com Inglês. E-mail: f_mariano@hotmail.com.

² Professor com graduação em Letras Vernáculas com Francês, Mestrado e Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia – Orientador.

³ *A Poesia Baiana do século XX* (Antologia de Assis Brasil) trata-se de uma obra de extrema importância, no qual foram selecionados poetas renomados de várias gerações da poesia do século XX, alinhados em ordem cronológica. Na coletânea, encontram-se 66 poetas que procuram, em sua maioria, a apresentação de obras ricas, mostrando a riqueza de recursos estilísticos.

⁴ Antônio Risério é escritor, poeta e antropólogo. Participou da implantação da televisão educativa da Bahia, foi um dos criadores da Fundação Gregório de Matos e autor de diversos livros.

2. DESENVOLVIMENTO

O processo de construção da representação da Bahia desde o século XVII permitiu a desenvoltura de uma série de elementos que adquiriu certa consistência simbólica de imagens que se disseminaram ao longo dos séculos. Na concepção de Eneida e outros, alguns cronistas e poetas descreviam a terra de maneira exacerbada, uma vez que a Bahia possuía grande relevância mercantil na metrópole colonial. Entretanto, a colônia passou a ser ficcionalizada nos poemas de Gregório de Matos, Castro Alves, Jorge Amado, dentre outros autores renomados.

Até o início do século XVIII, Salvador-capital da colônia - é a maior cidade fora da Europa. Na concepção de Risério⁵, a cidade sofreria um golpe, uma vez que razões políticas levaram a transferência da capital para o Rio de Janeiro com a chegada da família real em 1808, o Rio Janeiro passava ser a capital portuguesa na colônia como afirma abaixo:

Cheguemos, no entanto, á Bahia. Assim como Portugal foi deslocado do centro das decisões européias, a Cidade da Bahia e seu Recôncavo vão conhecer, ao longo do século XVIII, um progressivo processo de marginalização, que será oficializado de forma definitiva em 1763, com a transferência da capital colonial para o Rio de Janeiro. (RISÉRIO, 2004, p.210)

O início do século XIX possibilitou que a *velha Mulata*⁶ tornasse o centro político econômico e cultural da época na colônia, já que a geografia permitia condições favoráveis de acesso e vigilância. O espaço beneficiou o interesse de estrangeiros em busca de riquezas nas terras coloniais. Entretanto, a fundação da Cidade impulsionou a reconfiguração das cidades coloniais, pois a riqueza esteve vinculada à monocultura e ao comércio de escravos trazidos da África⁷. No contexto histórico, os primeiros textos escritos⁸ sobre a Bahia tinham a finalidade de apresentar de maneira simbólica a terra e os seus habitantes. Esses autores descreviam com riqueza de detalhes a geografia, população, cultura e hábitos, muitas vezes, considerados “estranhos” na percepção do europeu. São exemplos dessa construção ideológica textos de Gândavo, Fernão Gardim, Pero de Magalhães etc. O próprio Risério informa que houve um momento, em nossa trajetória histórica, o qual nossos antepassados começaram a sentir, a se perceber e se pensar como uma gente relativamente específica. Apesar de todos os preconceitos, a sociedade se configura numa comunidade política e cultural inata que estimula esse reconhecimento do “jeito baiano” de ser.

Tais repercussões históricas contribuíram para a construção de imagens positivas sobre a cidade e reflete no conjunto de elementos que ressoará nessas peculiaridades locais, sendo esse sentimento de diferença em relação a outros locais, fator determinante na construção dessa “imagem”. O conceito de *baianidade* diz respeito apenas a cidade de Salvador e ao Recôncavo da Bahia de Todos os Santos e algumas cidades históricas.

⁵ RISÉRIO, Antônio. *Uma história da cidade da Bahia*. Rio de Janeiro, Versal, 2004, p.210.

⁶ *Velha Mulata, Preta velha* são alcunhas para a Bahia que foram difundidos para o Sul do país.

⁷ A riqueza do século XVII ao XIX esteve atrelada ao comércio de escravos, uma vez que a Bahia tornou-se o maior mercado de negros do Brasil.

⁸ Os primeiros textos ocuparam em dar existência simbólica à terra. São exemplos dessa produção: *o Tratado descritivo do Brasil* de Gabriel Soares de Souza, *O Tratado da terra do Brasil* de Pero de Magalhães, *o Tratado da terra e da gente do Brasil* de Fernão Cardim, dentre outros cronistas.

Na concepção de Eneida Leal Cunha⁹ (2007), a Baianidade é uma construção imagética utilitária. Em seu dizer, ainda corrobora que:

O Estímulo globalizado à valorização do local e da diferença cultural que atinge todas as camadas sociais, dada a eficácia da mídia e da indústria cultural, fazem a Bahia assimilar, no sentido positivo, a explosão criativa dos negros, sobretudo a dança, e a música, como retrato da baianidade, como marco identificador da sociedade (CUNHA,2004).

Os conceitos da baianidade são atribuídos a todos os baianos e passam a ser algo como a marca registrada da Bahia. Para o sociólogo Milton Moura¹⁰ essa definição é um pouco mais complexa:

A *baianidade* é entendida como um texto identitário, ou seja, que realiza a asserção direta de um perfil numa dinâmica de identificação. É compreendida de um ethos baseado em três pilares: a familiaridade, que supões a ambivalência numa sociedade tão desigual, a sensualidade associada á naturalização de papéis e posturas e a religiosidade que costuma acontecer como mistificação numa sociedade tão tradicional.

Entretanto, a partir da década de 70 surge a *baianidade* como uma mercadoria, sendo vendida pelo turismo, cultura e MPB. Daí a necessidade de explorar o máximo como algo exótico ao enfatizar o estereótipo, porém tornou-se um terreno bastante fértil para o cultivo de uma imagem turística ligada, principalmente a um passado africano e ao carnaval elétrico.

Alguns elementos são selecionados como símbolo da baianidade como: baiana do acarajé, a preguiça do baiano, capoeirista, Bahia: terra do “oba- oba”. Esse imaginário repercute de modo tão exaustivo que se estabelece como “verdade absoluta”, até porque a seleção é escolhida de propósito pela indústria cultural, ao selecionar traços que causam impactos na sociedade ocidental.

De acordo com Moura, a imagem da Bahia permanece vigorosamente associada á comida, religião, á musica e danças africanas. Considerar a Bahia como uma comunidade imaginada¹¹ ocasiona o surgimento de uma ficção que legitime um passado comum que una todos os indivíduos.

2.1 A Utopia

Segundo os dicionários, a utopia¹² tem como significado mais comum a ideia de civilização ideal e imaginária. Através da apresentação dos poemas é possível depreender a

⁹ Eneida Leal Cunha é professora titular de Literatura Brasileira na UFBA, atualmente vinculada à PUC-RIO. Tem atuação nas áreas de letras e de cultura de produção intelectual sobre as questões identitárias.

¹⁰ MOURA, Milton. *Carnaval e Baianidade*. Tese de doutorado da UFBA, Salvador, 2001, p.68

¹¹ Na visão de Benedict Anderson, a nação não é conceituada como uma comunidade imaginada porque nem os membros das menores nações jamais se conhecerão e as diferenças entre as nações residem nas formas pelas quais elas são imaginadas. Ele afirma no seu livro: *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989

¹² Esse termo, inventado por Thomas More que serviu de título a uma de suas obras escritas em latim por volta de 1516.

relação histórica e como se desenvolveu esse imaginário. No Rio de Janeiro Caymmi lança a música o que é que a baiana tem. Mais tarde, quando o Brasil iniciou a construção dessa imagem, uma figura excêntrica surge: Carmem Miranda¹³. Logo no poema intitulado *A mulata* é possível perceber o estereótipo da sensualidade da mulher baiana, que na maioria das vezes trocada até pela sexualidade. A imagem da Bahia nas letras de Dorival Caymmi é apresentada de maneira exótica. Antonio Riserio explica no seu livro *Caymmi: uma utopia de lugar*. A cidade é veiculada como a terra da felicidade como o próprio slogan da Bahiatursa “só se vê na Bahia”. Logo no poema intitulado *A mulata* é possível perceber o estereótipo da sensualidade da mulher baiana, que na maioria das vezes trocada até pela sexualidade.

Eu sou mulata vaidosa,
Linda, faceira, mimosa,
Quais muitas brancas não são!
Tenho requebros mais belos:
Se a noite são meus cabelos.
O dia é meu coração.

Sob a camisa bordada,
Fina, tão alva, arrendada,
Treme-me o seio moreno:
É como o jambo cheiroso,
Que pense ao galho frondoso.

A imagem dos baianos como “sexualmente” disponíveis é espalhada entre os brasileiros do sul e entre os estrangeiros. Já no segundo poema, intitulado *Bahia* propicia a representação da cidade, através de imagens identitárias da *Velha Mulata*, atrelado atrelado a religiosidade:

Bahia minha Bahia
bonitinha
cheirosa
religiosa
de tempo
sujinha
te quero sempre rezando
oração de iaiá moça
bendito de preta velha
no Bonfim
na Conceição.

3. CONSIDERAÇÕES

Ainda hoje, o conceito de Baianidade precisa ser melhor discutido, ou melhor, os questionamentos sobre a “Baianidade” deveriam ser melhor discutidos fora dos limites do estado da Bahia, assim como os gauchos, cariocas, mineiros também. A imagem que se tem hoje da

¹³ Carmem Miranda se apresentou vestida de “baiana”, cantando a música e fazendo a coreografia que Caymmi lhe ensinara. O que é que a baiana tem foi incluída no filme da produção americana de Walt Disney.

Bahia é uma construção que vem sendo feita há vários séculos. A Baianidade é uma construção, e muitas vezes depreciativa. A bahia não é só festa, não é só lugar de pessoas preguiçosas que dormem em redes. É necessário haver uma desconstrução desses estereótipos. O que vemos na mídia é fruto de anos e anos de preconceito.

4. REFERÊNCIAS

ALBERGARIA, Roberto. **Entrevista concedida à 53º SBPC Cultural**. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2001.

ANDERSON, Benedict. **Nação e Consciência Nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

ASSIS, Brasil. **A Poesia Baiana do Século XX**. Bahia: Imago, 1999.

CUNHA, Eneida; BACELAR, Jeferson; ALVES, Lizir. **A Bahia: Colonização e Culturas**. Bahia: EDUFBA, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade da Pós-Modernidade**. 11º ed. Rio de Janeiro: DP e A, 2006.

MOURA, Milton Araujo. **Carnaval e baianidade: arestas e curvas na coreografia do carnaval de Salvador**. Tese de Doutorado em Comunicação e Culturas Contemporâneas. Salvador: UFBA, 2000.

PINHO, Osmundo Araújo. “**Só se vê na Bahia**”: **A imagem típica e a imagem crítica do Pelourinho afro-baiano**. In: BACELAR, Jeferson; CAROSO, Carlos (org.). *Brasil: Um país de negros*. Rio de Janeiro: Pallas, 1999

PINTO, Roque. **Como a cidade de Salvador empreende a produção do exótico através do texto da baianidade**. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Salvador: UFBA, 2001.

RISÉRIO, **Avante-garde na Bahia**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M Bardi, 1995.

RISÉRIO, Antonio. **Caymmi: uma utopia de lugar**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

RISÉRIO, ANTONIO. **Carnaval Ijexá**. Salvador: Corrupio, 1981.

RISÉRIO, Antonio. **Uma história da Cidade da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal, 2004.